


EDITORIAL

 10.64493/INV.22.0

Célia Matsunaga
Programa de Pós-Graduação em
Design, Universidade de Brasília,
Brasil

Marisa Cobbe Maass
Programa de Pós-Graduação em
Design, Universidade de Brasília,
Brasil

Nivalda Assunção
Instituto de Artes
Programa de Pós-Graduação em
Poéticas Contemporâneas,
Universidade de Brasília, Brasil

This work is licenced under a [Creative Commons BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Matsunaga, C.; Maass, M.; Assunção, N. (2026). Editorial. Invisibilidades - Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes. <https://doi.org/10.64493/INV.22.0>

“O olho vê
A lembrança revê
E a imaginação transvê
É preciso transver o mundo”
Manoel de Barros

Na contemporaneidade, fenômenos ligados às mudanças climáticas, aos impactos produzidos pela destruição do meio ambiente, dos ecossistemas, da biodiversidade de biomas como o Cerrado e a Amazônia, têm afetado diretamente a sobrevivência da vida humana e não humana no planeta. Os modelos econômicos baseados no acúmulo de riquezas de minorias tornou-se um dos grandes desafios. Conflitos geopolíticos, disputas territoriais, as guerras, os fluxos migratórios, a fome, são resultados desse desequilíbrio, confrontando realidades de populações inteiras em um futuro de incertezas. Diante desse cenário, o que esperar do novo tempo?

O antropólogo, historiador e filósofo, Edgar Morin (1921-2026), criador da teoria da complexidade, argumenta que “temos tudo para dar certo, exceto se a cultura política mundial permanecer excludente, ou mesmo fortalecida pelo atroz processo de exclusão social”. Parte da população mundial necessita soluções urgentes para mitigar as injustiças sociais e promover melhoria na

qualidade de vida. Deve-se, para isso, projetar ações que fortaleçam a educação e a capacidade crítica da população desfavorecida na construção de políticas públicas, sociais e culturais. “Se conseguirmos avançar na mudança, criando mecanismos de distribuição das riquezas, abriremos possibilidades para um novo projeto civilizatório”, ou seja, “uma nova política de civilização para o mundo” Morin (1999).

Crítico da fragmentação do conhecimento oriundas da modernidade, na qual há separação entre sujeito e objeto, cultura e natureza, Morin fala da urgência em “religar os saberes ... construindo diálogos permanentes ao conectar diferentes áreas como a sociologia, a biologia, a arte”. Nesse modelo de inter-conectividade de saberes, compreende-se a realidade como uma dinâmica de relações, onde os processos econômicos, sociais e culturais se entrelaçam de uma forma articulada. A arte e principalmente o design se situam nesse lugar como possibilidade de experimentação estéticas (ou funcionais), artísticas e poéticas, além de impulsionar/propor a criação de experiências/vivências capazes de sensibilizar, questionar, fomentar modelos inovadores e de interação entre humanos e o mundo natural.

A arte incorpora as questões relacionadas à ecologia, sustentabilidade e meio ambiente somente a partir do final do século XX. Nesse período, os artistas voltam-se para os aspectos da natureza e, seus ciclos naturais passam a ser centrais na pesquisa e produção de suas obras. Timothy Morton, Donna Haraway e Bruno Latour são os três mais influentes pensadores contemporâneos que contribuíram para essa mudança conceitual, questionando as fronteiras entre natureza e cultura. Posteriormente, as reflexões produzidas pelos filósofos influenciaram práticas artísticas que relacionam seres humanos e não humanos, propondo novas formas de percepção e coexistência.

É importante destacar o movimento **Land Art** (ou arte da Terra), surgido no final da década de 1960-1970 nos Estados Unidos e na Europa. O Land Art representou a ruptura dos modelos até então estabelecidos na arte de galerias e museus. Artistas como o Búlgaro Christo (1935–2020), a escultora Jeanne-Claude Denat (1935-2009), os norte americanos Walter de Maria (1935 - 2013), Robert Smithson (1938 - 1973) e Michael Heizer (1944) e o britânico Richard Long (1945), movidos pelo entusiasmo com a arte ecológica, passam a pensar a paisagem não como espaço de contemplação, mas como suporte, matéria-prima e intervenção ativa.

“Sou um artista que gosta de caminhar. A caminhada define a forma da Terra no espaço tempo”. A Line made by walking - Richard Long, 1967.

A arte torna-se assim um campo de experimentação baseada na natureza, capaz de traduzir percepções complexas em experiências sensíveis. Ao mobilizar emoções e afetos, essas práticas ampliam a compreensão dos desafios de nosso tempo e contribuem para a construção de uma outra consciência. O design, por sua vez, repensa a funcionalidade incorporando princípios de sustentabilidade e interdependência. No domínio da experiência estética, ambos constroem novos imaginários ecológicos, articulando percepção, cultura, tecnologia e vida.

A FOUR DAY WALK

A LINE OF GROUND 94 MILES LONG

ROAD STONY TRACK ROAD GRASS FIELD
ROAD BARE ROCK LANE ROAD STONY PATH
HEATHER BURNT MOOR STONY PATH ROAD
ROUGH GRASSLAND RIVERBED SHEEPTRACKS EARTH WALL
ROUGH GRASSLAND GRASS FIELDS BRAMBLES GRASS FIELD
ROAD WOODLAND PATH ROAD DUSTY LANE
ROAD GRASS FIELDS EARTH PATH ROAD
SAND BEACH CLIFF PATH ROAD ROCKS
CLIFF PATH SAND DUNES SAND PATH EARTH PATH
ROAD OLD RAILWAY TRACK MUD FLATS SEA WALL
MUD FLATS ROAD RIVERBANK ROAD

ENGLAND 1980

Entre fluxos: Arte, Design e Natureza

Nesta Edição Especial da Revista INVISIBILIDADES #22, apresentamos o resultado manifesto da comunidade de professores, estudantes, pesquisadores e artistas, que refletem sobre formas de habitar, viver, compartilhar experiências no mundo mais afetoso e inclusivo. O primeiro texto se apresenta sob a forma de diálogo: Entrevista com Jaider Esbell, o maior e mais influente artista indígena contemporâneo brasileiro. O texto manifesto foi escrito por Paulo Kai'Kan do povo Macuxi, RO, ativista e líder de movimentos indígenas que denuncia violações de direitos humanos contra os povos Yanomami, Roraima. Na sequência, quatro eixos relacionais dão o "tom" dos artistas/artistas/estudiosos. São eles: Arte; Experienciar e Fazer; Olhares Autopoiéticos; e Corpo/Natureza.

O conjunto das reflexões tem no eixo ARTE, a contextualização da artista e pesquisadora Nivalda Assunção, professora da Universidade de Brasília, sobre as crises multidimensionais do antropoceno, propondo a reconfiguração da antologia humana no mundo.

Em EXPERIENCIAR E FAZER, o eixo se compõe de quatro abordagens complementares que partem de atividades curriculares, extensionistas, oficinas e tecem narrativas sobre as experiências com a arte-educação, educação e design, e o meio ambiente. No primeiro, **Bordando sementes, cultivando memórias** (autoras Angélica Carvalho Lemos e Flavia Liberman - Universidade Federal de São Paulo UNIFESP - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo), propõe pensar a arte como prática de escuta e de relação com território. No segundo, **De la ecopoética infantil al video ensayo: Cartografías de un cuerpo dramatizado en diálogo con la naturaleza** (autoras Carmen Sánchez-Duque - Facultad de Educación y Ciencias Sociales Universidad Finis Terras, Chile e Ángela Barrera-García - Facultad de Ciencias de la Educación Universidad de Granada, Espanha), aborda a experiência de criação poética para o teatro infantil utilizando documentação em vídeo-ensaio, como mediação da linguagem, imaginário e o entorno natural. No terceiro, **Estampas Sul-Sul: processos de ensino-aprendizagem na extensão em design sobre o sul global** (autores Laís Vitória Cunha de Aguiar e Breno Tenório Ramalho de Abreu - Programa de Pós-graduação em Design da Universidade de Brasília), traz o relato da extensão universitária que aborda as culturas do Sul global utilizando técnicas de estamparias como memória dos povos e sua materialidade. No quarto, **Rede pelo Clima: bordando a justiça climática na Baixada Santista — um ensaio visual** (autoras Luciana Arruda Campos Rodrigues, Flávia Liberman e Thaís Aparecida Peral - Universidade Federal de São Paulo UNIFESP - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo), se encontra o relato de um processo artístico e educacional desenvolvido no âmbito da Rede pelo Clima, iniciativa do Instituto Procomum, Baixada Santista, São Paulo.

O eixo OLHARES AUTOPOIÉTICOS apresenta um conjunto coeso resultante de vivências na Amazônia Brasileira. Na primeira, **Práticas de jardinagem, gestos de aproximação: Ensaio para dançar com a vida**, Marcia Regina Santos lança um manifesto pela vida. A obra nos conecta com as expressões da arte/vivência, num gesto onde corpo e natureza se tornam um. No segundo, **Quando o ponto vira rio** (Daniel Mira - Universidade de Brasília), revela em sua obra-poema, a essência do devir na Amazônia. No terceiro, **Travessias e Mudanças: Um ensaio visual sobre o rio da vida em afetos e (re)descobertas** (Bárbara Moreira - Programa de Pós-graduação em Design Universidade de Brasília), conecta

tempo e lugar; relatos do Walking Seminar em Alter do Chão, Amazônia. No quarto, **Entre corpo, rio e cidade: Memórias cartográficas** (Daniela Rodrigues - Instituto de Artes/IdA/UnB) fala sobre a morada do íntimo e sua experiência na Amazônia. No quinto, **Entre fluxos: Arte, Design e Natureza** (autora Laís Vitória Cunha de Aguiar - Programa de Pós-graduação em Design Universidade de Brasília), aborda a água como elemento central no trabalho. No quinto, **Habitar a pele do bicho: máscaras, devires, animais e escuta da floresta** (Alice Jales Bartholo de Oliveira - Departamento de Arquitetura e Urbanismo Universidade de Brasília), investiga a máscara como dispositivo artístico capaz de ativar processos de mudança entre corpo, território e imaginação. No sexto, **Fluxos de confluência: a cianotipia como dispositivo de interpretação e tradução territorial** (Matheus Gonçalves - Departamento de Design Universidade de Brasília), utiliza a cianotipia como dispositivo de tradução das dimensões ontológicas do rio Tapajós, Pará. No último, **As cores no Sairé: memórias de um percurso autopoietico** (Eneida Figueiredo - Programa de Pós-graduação em Design Universidade de Brasília), apresenta o sincretismo religioso - indígena, negro e europeu - na festa religiosa Sairé, Pará.

Em CORPOS/NATUREZA, o visível e o encantado fecham a edição. No primeiro, **O visível e o invisível: O Corpo, A natureza, Os tempos e as Mulheres Indígenas Pataxó da Reserva Porto do Boi** (Flávia Liberman e Thaís Aparecida Peral - Universidade Federal de São Paulo UNIFESP - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo), apresenta modos de vida, considerando aspectos culturais de mulheres indígenas Pataxó. No segundo, **Os Encantados** (Arkus Nóbrega - artista e diretor do Seringal das Arte, Alter do Chão, Pará), apresenta imagens da exposição "Os Encantados" que aconteceu na Floresta Encantada em Alter do Chão, Pará, em 2022. Foi uma intervenção artística/sonora realizada no âmbito natural do Igapó, onde a visitação só era possível por meio de canoas. E por último, **Patrimônio cultural, memória do Cerrado e a invisibilidade dos guarda-parques no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros** (Isabella de Farias Sampaio, Marcelo Daniel Segalerba Bourdette, Ana Carolina Kalume Maranhão e Paulo Henrique Soares de Almeida - Pesquisadores e colaboradores da Universidade de Brasília), relata a figura do guarda-parque, quando apresentada em sua dimensão interdisciplinar, enquanto educador ambiental, mediador cultural e guardião do território.

Ao final desta jornada de edição da revista INVISIBILIDADES, o tema "**Entre Fluxos: Arte, Design e Natureza**" revela-se capaz de refletir sobre os desafios epistemológicos, ambientais e culturais de nosso tempo. O resultado segue nas próximas páginas. Esperamos que inspire a todos!

Uma boa leitura.

As Editoras

Célia Matsunaga, Programa de Pós-Graduação em Design/UnB

Marisa Maass, Programa de Pós-Graduação em Design/UnB

Nivalda Assunção, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Poéticas Contemporâneas/UnB



entrevista